

A única mudança real



-
- artigo
 - in "O Almondá" Torres Novas
de 3 Out e 7 Nov 1980
 - tirado de "Mudar-a-Vida" nº 1
-

Out-Nov. 1980

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro



A ÚNICA MUDANÇA REAL

ESTRUTURAS OU MENTALIDADES?

De todos os lado nos vent o convite à estabilidade, à segurança, ao já conhecido, aos terrenos firmes, ao ideal ent revisto. Por todos os meios nos atraí e nos paralisa o mito do eterno retorno. Transformações à nossa volta? Sem dúvida, desde que elas nos conduzam aos lugares certos que escolhemos, aos caminhos previsíveis que antevemos. Modificações em nós mesmos? Sem dúvida, desde que elas nos conduzam ao eu ideal que imaginámos, à imagem de nós próprios que, ao longo dos anos, cuidadosamente forjámos.

Deixamos assim de longe a única via pela qual horizontes novos se podem rasgar; aquela em que escolhemos percorrer o próprio trilho da mudança. E quando digo que escolhemos percorrer esse trilho, não estou a imaginar um caminho linearmente percorrido em qualquer bólide à prova de bala. Pelo contrário, no caminho da mudança, seremos ossos encharcados debaixo da chuva, seremos gestos descontrolados nas areias movediças, seremos passos indecisos a contornar rochas de granito.

Quantas vezes falámos de mudança de estruturas e de instituições, opondo essa mudança, numa espécie de antinomia inevitável, à mudança de mentalidades, que queríamos ter visto operar, pela obra mágica do nosso verbo e das nossas incitações, para concluirmos (pacificante conforto!) que nada se podia fazer sem que mudassem as estruturas. Quando, finalmente, as estruturas nos vieram parar às mãos verificámos que não éramos senão aprendizes de feiticeiro: não as sóbemos desmantelar porque não conhecíamos as engrenagens escondidas; não as pudemos reorganizar porque não tínhamos alternativa viável a opor à sua gigantesca irracionalidade; não as pudemos deixar cair como mero anacronismo (já história, porque não tínhamos delineado o projecto das estruturas novas que as substituiriam, superando-as e anulando-as. E quando reconhecemos que o aparelho institucional se agitou, tremeu, mas permaneceu inalterável nos seus vícios, na sua burocracia e na sua inutilidade, dissemo-nos então que o que importa é mudar as mentalidades!

Esquecemos que não há mentalidade nem pensamento que não suponha uma corporização, uma forma, um molde, um esteio. Assim, dizer uma mentalidade, é, ao mesmo tempo, conceber a estrutura que adequadamente a traduz e lhe dá vida; reciprocamente, conceber estruturas que não sejam portadoras duma ideia, duma concepção, duma mentalidade, é torná-las, à partida, inoperantes. A antinomia criada não vem, assim, se não perpetuar a fácil separação entre a matéria e o espírito: matéria das estruturas, espírito das mentalidades. Ora é mais que tempo de deixar cair tal separação. (...)

Maria de Lurdes Pintasilgo



A ÚNICA MUDANÇA
REAL

MUDAR A VIDA

(...) Que é o espírito, se se não exprime na palavra, no gesto, no edifício construído, no plano gizado, nas coisas reorganizadas, em última instância, não Verbo feito carne? E que é, por seu lado, a estrutura se não decorre de uma centelha, se não encarna um pensamento, se não é portadora duma concepção que transcende o imediato das coisas, dos objectivos, das pessoas?

Não me parece, por isso, fazer hoje sentido falar duma ou doutra mudança. A contradição que entre elas estabelecemos é superada no acto que, simultaneamente, abala a estrutura e renova a mentalidade: o acto que muda a vida. Então o que pensaria o edifício que dá consistência ao meu pensamento, para, logo em seguida, esse edifício, essa estrutura criada me obrigar a uma nova reflexão, a uma nova maneira de encarar as coisas, a uma nova percepção do mundo. Nessa nova percepção surgirá a pequena chispa ou a grande iluminação que, por seu turno, revelará o caduco do que acabara de criar e, desmantelando o existente, revelará algo de radicalmente novo. E assim por diante. A vida transforma-se então numa espantosa aventura e em nós cresce a força que o profeta certamente sentiu quando Deus lhe disse: «Eis que hoje te dou poder sobre as nações e sobre os reinos para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares» (Jer. 1,10).

Passageiras são as estruturas, plasmáveis são as mentalidades. Por entre o efeito mecanicista de umas nas outras (mentalidades obscurecidas por estruturas anquilosadas; estruturas inoperantes por mentalidades embrutecidas) brota a esperança duma outra relação, que outra não é senão o dinamismo da própria vida. Por isso a grande empresa não é o plano pensado e repensado, a estrutura gigantesca que, com os seus tentáculos, tudo vai abafar, nem a mentalidade renovada, adaptada, ajustada, conformada. A grande empresa é mudar a vida. Mudar as estruturas mudando-nos. Mudar o olhar que pomos nas coisas e com ele fazer nascer novas possibilidades de relação, de acção, de organização. Por isso, viver é seguir o processo universal da evolução biológica — deixar que se desintegram os agregados das células criadas e que, em seu lugar, apareçam novos contornos, novas trocas de energia, novos modos de comungar nos elementos essenciais da vida.

Pois que caíam as estruturas, e se pudermos ajudar a desmantelá-las teremos ajudado a que a vida cresça; mas que elas caíam por obsoletas, porque em seu lugar, no espaço aberto que é o mundo da criação, já o nós, o pensamento e as nos-

MUDAR A VIDA

(Continuação da 1.ª pág.)

as mãos criaram, estruturando-a, a verdade do hoje que melhor serve os homens e que melhor torna visível o movimento de Deus na História. Pois que mudem as mentalidades; mas não por mimetismo simiesco de qualquer última moda, antes porque o horizonte novo, ao revelar novos vales e montanhas, nos situa diferentemente, nos sugere novas imagens, nos obriga a uma síntese, nos dá um impulso para uma nova maneira de ser e de estar.

E não se pense que é apenas ao nível da super-estrutura que tal mudança se opera. Olhando à nossa volta e em nós mesmos damos conta de que, mesmo quando aceitamos a mudança teórica de normas e valores, ficamos, por vezes, perplexos quando nos confrontamos com a mudança de costumes e experiências; e quando, pelo contrário, ousamos aventurar-nos em experiências novas, somos muitas vezes incapazes de reconhecer a novidade dos valores de que essas experiências decorrem.

Tocamos aí uma mais entranhada dicotomia entre a matéria e o espírito. Julgávamos que os valores atravessariam incólumes todas as fases da existência, numa concepção essencialista da vida. Pensávamos que as experiências eram fatias da existência que podíamos recortar sem que, no fundo, nada se modificasse. Esquecemos, afinal, que os valores são sempre a imitação dos comportamentos e das experiências e que as experiências e os comportamentos são a linguagem, a pulsão, a obrigatoriedade inconsciente a que nos conduzem os valores, muitas vezes apenas intuídos e ainda não elaborados. Por isso não faz sentido partirmos à procura de novos valores, refugiarmo-nos numa interpretação globalista da vida, se não vamos temperando, clarificando e dando forma quotidiana a esses valores, no comportamento e na experiência. Tão pouco vale a experiência que não integra o seu porquê e o seu para onde e se limita à cómoda situação do como.

Também aqui a dicotomia só é superada se nos sentirmos simultaneamente fazedores de valores e criadores de experiências, capazes de fundirmos num só acto as normas e o comportamento. Mudar a vida é esboçar em cada momento os novos valores e suscitar as condições de experiência que os tornam reais; é captar na experiência a que a história nos conduz os valores insuspeitados, desconhecidos ou ignorados.

Maria de Lurdes Pintasilgo